

COMENTÁRIOS SOBRE O COMPORTAMENTO DO SETOR PESQUEIRO NO BRASIL

Melquíades Pinto Paiva

Laboratório de Ciências do Mar
Universidade Federal do Ceará
Fortaleza — Ceará — Brasil

Após a Segunda Guerra Mundial houve grande expansão das atividades pesqueiras, com um crescente aumento de capturas, refletindo o maior número de barcos e o incremento da tonelagem das frotas de pesca, que passaram a operar em todos os oceanos.

Naquela época, o Brasil praticamente permaneceu à margem do processo de desenvolvimento pesqueiro mundial, mantendo velhos núcleos de pesca industrial, tecnologicamente ultrapassados, ao lado do generalizado sistema de produção artesanal, incapazes de atender às necessidades resultantes do aumento da população brasileira, com acentuada tendência de urbanização.

A expansão da pesca, em escala mundial, baseou-se na captura de recursos até então quase inexplorados, com grandes potencialidades de suporte para um crescente esforço pesqueiro. Isto permitiu um constante progresso tecnológico nas atividades de captura, que favorece um pequeno grupo de nações, acentuando as diferenças com aquelas que pouco ou nenhuma atenção deram ao desenvolvimento de suas pescarias.

Até 1966 a pesca brasileira não evoluiu de modo bem significativo; permaneceu atrasada, com baixa produtividade e predominantemente artesanal. Somente na região Nordeste se verificaram sensíveis progressos, a partir de 1955, com a implantação da indústria lagosteira e a conseqüente exploração pargueira, esta iniciada nos primeiros anos da década passada. No entanto, favorecemos a implantação da grande pesca de atuns e afins no Oceano Atlântico, para permanecermos como privilegiados assistentes, após a frustrada tentativa de participação, através de empreendimento conjunto com os japoneses, cujos barcos tiveram base em Recife, na segunda metade dos anos cinquenta.

Um círculo vicioso retardou o desenvolvimento das pescas no Brasil, o qual foi quebrado com a Lei Federal n.º 221, de 28 de fevereiro de 1967, e subseqüente legislação de apoio à indústria pesqueira nacional.

Até certo ponto, podemos nos considerar retardatários em relação ao moderno processo de exploração pesqueira, situação esta que se torna mais grave, em virtude da sofisticação tecnológica atualmente usada pelos grandes países pescadores, ao lado da crescente queda de produção por unidade de esforço, observada nas principais pescas do mundo.

Realmente, perdemos a oportunidade de uma grande expansão pesqueira, que a nossa posição geográfica poderia ter permitido, principalmente na parte sul do Oceano Atlântico. Agora, as condições de competição nos são mais adversas, restando-nos como saída a racional exploração dos nossos recursos pesqueiros, sob o abrigo das 200 milhas de Mar Territorial, e das extensas massas de águas interiores.

Produção de pescado

A produção mundial de pescado em 1967 correspondeu a 60.400.000 toneladas, tendo atingido o máximo de 70.200.000 toneladas em 1971, caindo para 69.800.000 toneladas em 1974, último ano considerado; neste período, a média anual da produção de pescado foi igual a 66.087.500 toneladas e a média do seu crescimento atingiu apenas 109,4 (1967 = 100,0) — ver tabela I.

A principal conclusão a tirar destes dados se prende ao pequeno crescimento da produção mundial de pescado, no período em estudo, agravado pela queda observada em 1972. Isto, até certo ponto, ajuda a pensar que a produção mundial de pescado se encontra perto do seu máximo de captura sustentável, com base nos recursos atualmente explorados.

Durante os anos considerados, as seis nações mais importantes, tendo em vista as médias anuais da produção de pescado, em termos relativos da média anual da correspondente produção mundial, foram as seguintes: Japão = 14,4%, Peru = 12,2%, União Soviética = 11,1%, China = 9,5%, Noruega = 4,4% e Estados Unidos = 4,0% (tabela I).

TABELA I

Produção mundial de pescado e dos principais países pesqueiros, para efeito de comparação com a produção do Brasil, durante os anos de 1967 a 1974.

Países e mundo	A n o s								Médias
	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	
Produção (1.000 t)									
Japão	7.895,4	8.694,2	8.613,4	9.314,7	9.908,5	10.213,1	10.689,9	10.719,4	9.506,1
Peru	10.198,6	10.555,5	9.143,4	12.481,1	10.503,9	4.674,3	2.547,1	4.123,2	8.028,4
União Soviética	5.777,2	6.082,1	6.498,4	7.252,2	7.337,0	7.756,9	8.618,8	9.235,6	7.319,8
China	5.645,0	5.932,0	6.096,0	6.255,0	6.880,0	5.880,0	6.880,0	6.880,0	6.306,0
Noruega	3.265,7	2.855,7	2.437,0	2.855,7	3.074,9	3.196,3	2.974,8	2.645,1	2.913,2
Estados Unidos	2.430,4	2.479,4	2.491,2	2.776,5	2.819,5	2.695,3	2.669,9	2.743,7	2.638,2
Brasil	429,4	500,4	501,2	526,3	591,5	604,7	698,8	815,7	583,5
Mundo	60.400,0	63.900,0	62.700,0	70.000,0	70.200,0	65.600,0	66.100,0	69.800,0	66.087,5
Participação relativa (%)									
Japão	13,1	13,6	13,7	13,3	14,1	15,6	16,2	15,4	14,4
Peru	16,9	13,5	14,6	17,8	15,0	7,1	3,9	5,9	12,2
União Soviética	9,6	9,5	10,4	10,4	10,5	11,8	13,0	13,2	11,1
China	9,3	9,3	9,7	8,9	9,8	9,0	10,4	9,9	9,5
Noruega	5,4	4,5	3,9	4,1	4,4	4,9	4,5	3,8	4,4
Estados Unidos	4,0	3,9	4,0	4,0	4,0	4,1	4,0	3,9	4,0
Brasil	0,7	0,8	0,8	0,8	0,8	0,9	1,1	1,2	0,9
Mundo	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Índices de crescimento									
Japão	100,0	110,1	109,1	118,0	125,5	129,4	135,4	135,8	120,4
Peru	100,0	103,5	89,7	122,4	103,0	45,8	25,0	40,4	78,7
União Soviética	100,0	105,3	112,5	125,5	127,0	134,3	149,2	159,9	126,7
China	100,0	105,1	108,0	110,8	121,9	104,2	121,9	121,9	111,7
Noruega	100,0	87,4	74,6	87,4	94,2	97,9	91,1	81,0	89,2
Estados Unidos	100,0	102,0	102,5	114,2	116,0	110,9	109,9	112,9	108,6
Brasil	100,0	116,5	116,7	122,6	137,8	140,8	162,7	190,0	135,9
Mundo	100,0	105,8	103,8	115,9	116,2	108,6	109,4	115,6	109,4

Fontes: Organização de Agricultura e Alimentação das Nações Unidas, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e Superintendência do Desenvolvimento da Pesca — Ministério da Agricultura (Brasil).

As médias do crescimento anual da produção de pescado destas nações, fazendo-se 1967 = 100,0 e tomando-se em conta os anos seguintes (até 1974), estão a seguir enunciadas: Japão = 120,4, Peru = 78,7, União Soviética = 126,7, China = 111,7, Noruega = 89,2 e Estados Unidos = 108,9 (tabela I).

A captura anual média de pescado do Japão o coloca na posição de primeiro produtor mundial (ocupou o segundo lugar até 1971); a produção tem uma tendência positiva de crescimento, cuja média é bem superior àquela correspondente à produção mundial, mostrando um bom desempenho das suas atividades pesqueiras; a maior produção de pescado verificou-se em 1974, com 10.719.400 toneladas (tabela I).

O Peru ocupa a segunda posição mundial quanto à produção de pescado, embora realmente tenha descido para a condição de sexto produtor em 1974; a produção sofre grandes flutuações, por depender basicamente da pesca da anchoveta, na zona de ressurgência da

Corrente de Humboldt, em frente às suas costas; o crescimento médio da produção atingiu valor inferior ao do ano base, em consequência das baixas capturas observadas nos anos de 1972 a 1974, comprovando a existência de um processo de instabilidade no desempenho das atividades pesqueiras; sua maior produção de pescado ocorreu em 1970, quando foram capturadas 12.481.100 toneladas (tabela I).

A União Soviética é o terceiro produtor, quanto à média anual da captura de pescado, tendo subido para o segundo lugar a partir de 1972; a produção tem uma definida tendência de crescimento, com média anual bem superior àquela referente à produção mundial, comprovando um eficiente processo de desenvolvimento das suas pescas; a maior produção de pescado ocorreu em 1974, atingindo 9.235.600 toneladas (tabela I).

Nos anos considerados, a China ocupou o quarto lugar entre os grandes produtores mundiais de pescado, apesar de haver subido

para o terceiro lugar a partir de 1972 ; o crescimento da produção mostra uma tendência crescente até o ano de 1970 , seguida de uma estabilização nas suas pescarias; a maior produção anual de pescado ocorreu em 1971 , atingindo 6.880.000 toneladas, repetindo-se nos últimos anos (tabela I) .

Considerando a captura média anual, a Noruega ocupa o quinto lugar entre os grandes produtores mundiais de pescado, tendo descido para o sexto lugar em 1969 e 1974 ; a produção atingiu o mínimo em 1969 , apresentando uma pequena tendência de recuperação até 1972 — a média de crescimento foi inferior ao nível do ano base, evidenciando uma certa decadência de suas pescarias, que não acompanham o crescimento observado em escala mundial. A maior produção de pescado ocorreu em 1967 , com 3.265.700 toneladas (tabela I) .

Em termos médios, os Estados Unidos ocuparam o sexto lugar entre os produtores de pescado (subiram para o quinto lugar em 1969 e 1974) ; a produção de pescado foi crescente até 1971 , caindo nos dois anos seguintes, com sinal de recuperação em 1974 — a média anual de crescimento foi pouco inferior

àquela registrada para o mundo. A maior produção de pescado ocorreu em 1971 , com 2.819.500 toneladas (tabela I) .

Enquanto estes fatos se verificavam com os principais países pesqueiros, o Brasil fez crescer sua produção de pescado de 429.400 toneladas em 1967 para 815.700 toneladas em 1974 ; contribuiu com menos de 1,0% da produção mundial de pescado até 1972 , pouco ultrapassando este nível, nos dois anos seguintes; a produção vem apresentando um acentuado crescimento, cuja média anual é bastante superior àquela registrada para o mundo e ultrapassa aquelas que correspondem à União Soviética, Japão e China (tabela I) . Apesar dos índices de crescimento serem animadores, não devemos nos esquecer que apenas produzimos cerca de 1% do pescado capturado no mundo.

Exportações e importações

Passaremos a tecer algumas considerações sobre as exportações e importações de pescado dos principais países produtores e do Brasil, nos anos de 1967 a 1974 (1975) — ver tabelas II a IV .

TABELA II

Exportações e importações de pescado dos principais países pesqueiros, durante os anos de 1967 a 1974.

Países	Anos								Médias
	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	
Exportações (1.000 t)									
Japão	464,3	478,8	458,5	534,3	586,2	650,6	674,2	706,2	569,1
Peru	1.813,3	2.411,8	1.890,1	2.122,8	2.049,3	1.936,0	391,3	747,3	1.670,2
União Soviética	320,4	320,1	304,9	316,4	327,8	298,3	301,6	411,8	325,2
China
Noruega	941,4	817,6	753,1	663,9	690,3	798,4	770,4	577,6	751,6
Estados Unidos	84,0	71,8	153,5	141,6	193,5	174,2	253,0	221,8	161,7
Exportações (US\$ 1.000)									
Japão	254.376	286.087	281.778	335.495	367.364	467.015	553.928	609.112	394.394
Peru	198.067	231.711	220.437	339.228	337.811	281.143	152.464	260.016	252.610
União Soviética	76.305	83.244	84.909	90.385	93.048	95.508	122.675	162.058	101.017
China
Noruega	240.442	215.943	231.638	259.955	300.241	362.097	514.072	517.162	330.194
Estados Unidos	72.216	59.578	97.647	111.879	135.758	151.695	285.192	252.641	145.826
Importações (1.000 t)									
Japão	263,8	336,0	323,3	352,6	352,7	432,8	592,2	587,5	405,1
Peru	1,3	0,2	0,0	0,1	0,1	0,1	0,3	0,5	0,3
União Soviética	58,5	40,7	34,6	39,9	23,6	22,1	16,0	30,6	33,3
China
Noruega	43,0	73,1	55,8	61,9	78,9	97,0	47,3	95,1	69,0
Estados Unidos	1.231,9	1.545,6	1.078,7	1.053,1	1.050,9	1.364,0	1.109,0	1.042,9	1.184,5
Importações (US\$ 1.000)									
Japão	146.392	165.553	219.348	291.919	405.007	579.634	1.019.427	1.050.306	484.698
Peru	815	244	29	189	195	187	412	682	344
União Soviética	20.853	14.624	14.715	16.587	15.181	17.148	12.968	26.575	17.331
China
Noruega	10.768	10.568	12.542	18.410	20.955	24.610	21.704	51.870	21.428
Estados Unidos	598.177	717.653	735.941	835.781	913.469	1.262.990	1.392.328	1.518.599	996.867

Fonte: Organização de Agricultura e Alimentação das Nações Unidas.

TABELA III

Exportações e importações brasileiras de pescado, em peso e valor, durante os anos de 1967 a 1975.

Anos	Exportações		Importações	
	toneladas	US\$ 1.000 (1)	toneladas	US\$ 1.000 (2)
1967	3.507	5.823	45.698	27.538
1968	5.795	9.878	54.191	28.807
1969	9.572	20.192	61.971	27.623
1970	10.403	19.377	62.565	35.877
1971	12.101	27.151	52.303	33.982
1972	18.847	39.514	50.438	36.574 (1)
1973	18.744	35.601	57.575	49.910 (1)
1974	13.866	46.219	46.355	50.801 (1)
1975	14.991	41.742	99.328	49.345 (1)
Médias	11.981	27.277	58.936	37.829

Observações: (1) = preço FOB; (2) = preço CIF.

Fontes: Carteira do Comércio Exterior — Banco do Brasil S.A. e Superintendência do Desenvolvimento da Pesca — Ministério da Agricultura (Brasil).

TABELA IV

Dados comparativos das exportações de pescado dos principais países pesqueiros e do Brasil, durante os anos de 1967 a 1974/1975

Países	Crescimento médio (1967 = 100,0)				Relações entre médias de exportação e importação		Valor médio da tonelada (US\$)	
	exportações		importações		peso	valor	exportada	importada
	peso	valor	peso	valor				
	peso	valor	peso	valor	peso	valor	exportada	importada
Japão (1)	122,6	155,0	153,6	331,1	1,4	0,8	693,0	1.196,5
Peru (1)	92,1	127,5	23,1	42,2	5.567,3	734,3	151,2	1.146,7
União Soviética (1)	101,5	132,4	56,9	83,1	9,8	5,8	310,6	520,5
China
Noruega (1)	79,8	137,3	160,5	199,0	10,9	15,4	439,3	310,6
Estados Unidos (1)	192,5	201,9	96,2	166,7	0,1	0,2	901,8	841,6
Brasil (2)	341,6	468,4	129,0	137,4	0,2	0,7	2.276,7	641,9

Observações: (1) — correspondendo aos anos de 1967 a 1974; (2) — correspondendo aos anos de 1967 a 1975

Os índices médios de crescimento das exportações de pescado do Japão, em peso e valor, são inferiores aos das importações; o peso médio das exportações é superior ao das importações, o contrário ocorrendo com o valor médio; o valor médio da tonelada exportada correspondeu a US\$ 693,0 e da importada a US\$ 1.196,5; as relações entre médias de exportação e importação são 1,4 para o peso e 0,8 para o valor. Portanto, o Japão exporta mais do que importa, exportando pescado mais barato e importando pescado mais caro.

No Peru, os índices médios de crescimento das exportações, tanto em peso como em valor, são muito superiores aos observados nas importações de pescado, sendo estas quase que inexistentes; o valor médio da tonelada exportada foi de US\$ 151,2 e daquela importada correspondeu a US\$ 1.146,7; as relações entre médias de exportação e importação são 5.567,3 para o peso e 734,3 para o valor. Deste modo, o Peru é um país tipicamente exportador de pescado barato (farinha de peixe), importando insignificantes quantidades de pescado fino.

Com referência à União Soviética, os índices médios das exportações de pescado apresentaram pequeno decréscimo em peso e algum aumento em valor, enquanto os das importações decresceram sensivelmente, principalmente em peso; as exportações superam muito as importações, mais em peso do que em valor; o valor médio da tonelada exportada foi igual a US\$ 310,6 e o da importada a US\$ 520,5; as relações entre médias de exportação e importação são 9,8 para o peso e 5,8 para o valor. Em resumo, a União Soviética exporta bem mais do que importa, exportando pescado mais barato e importando pescado mais caro.

Não são disponíveis os dados sobre as exportações e importações de pescado da China.

Já para a Noruega, os índices médios das exportações evidenciam uma regular queda em peso e bom aumento em valor, enquanto aqueles das importações mostram acentuada redução, mais em peso do que em valor; as exportações superam amplamente as importações, mais em valor do que em peso; o valor médio da tonelada exportada foi de US\$ 439,3

e o da importada US\$ 310,6 ; as relações entre médias de exportação e importação são 10,9 para o peso e 15,4 para o valor. Podemos concluir que a Noruega exporta muito mais pescado do que importa, exportando pescado mais caro e importando pescado mais barato.

Os índices médios de crescimento das exportações de pescado dos Estados Unidos são bem elevados, mais em peso do que em valor, enquanto os das importações mostram um ligeiro decréscimo em peso e grande aumento em valor; as importações superam de muito as exportações, tanto em peso como em valor; o valor médio da tonelada exportada correspondeu a US\$ 901,8 e o da importada a US\$ 841,6 ; as relações entre médias de exportações e importações são 0,1 para o peso e 0,2 para o valor. Assim, comprovamos que os Estados Unidos são grandes importadores de pescado, exportando pescado caro e importando pescado de preço um pouco inferior.

Das nações consideradas, apenas o Peru pertence ao grupo dos países em desenvolvimento; sua economia pesqueira se fundamenta na exportação de pescado barato, sendo quase nula a importação de produtos pesqueiros.

O Japão, União Soviética e Noruega exportam mais pescado do que importam, os dois primeiros exportando pescado mais barato do que o importado, o contrário acontecendo com a Noruega.

Os Estados Unidos são os grandes importadores mundiais de pescado, embora o valor médio por tonelada da sua pequena exportação supere um pouco o correspondente ao da tonelada importada.

No Brasil, os índices médios de crescimento das exportações são extremamente elevados, mais em valor do que em peso, e aqueles que correspondem às importações pouco cresceram, tanto em peso como em valor; as importações superam acentuadamente as exportações, principalmente quanto ao peso; o valor médio da tonelada exportada foi igual a US\$ 2.276,7 e o da importada a US\$ 641,9 ; as relações entre médias de exportações e importações são 0,2 para o peso e 0,7 para o valor. Portanto, no período considerado, o Brasil comportou-se como país maior importador do que exportador de pescado, exportando pescado fino a preço muito elevado e importando produtos pesqueiros mais baratos.

O desenvolvimento das atividades pesqueiras no Brasil permitiu um *superavit*, entre as divisas ganhas com as exportações e as gastas com as importações de pescado, nos anos de 1974 e 1975. Por outro lado, a produção nacional de pescado ainda não é suficiente para atender às crescentes necessidades de consumo do povo brasileiro.

Regiões brasileiras

Considerando a grande extensão do território brasileiro e a diversidade de condições naturais, é conveniente que se faça um estudo comparativo da produção de pescado por Regiões Geográficas, nos anos de 1967 a 1974 (tabela V).

Durante os anos considerados, as cinco Regiões Geográficas que integram o território brasileiro, tomando-se por base as médias anuais de produção de pescado, comportaram-se da seguinte maneira: *Região Norte* — quarto lugar, representando 10,8% da produção em peso e apenas 7,5% do valor; *Região Nordeste* — terceiro lugar, com 23,4% da produção em peso, e primeiro lugar, com 36,4% do valor; *Região Sudeste* — segundo lugar, representando 30,4% da produção em peso, e 36,3% do valor; *Região Sul* — primeiro lugar, com 35,1% da produção em peso, e terceiro lugar, com 19,4% do valor; *Região Centro-Oeste* — quinto lugar, representando apenas 0,3% da produção em peso e 0,4% do valor.

Os índices médios de crescimento da produção de pescado destas regiões estão a seguir enunciados: *Região Norte* — 120,9 em peso e 376,6 em valor; *Região Nordeste* — 115,3 em peso e 539,3 em valor; *Região Sudeste* — 198,7 em peso e 598,5 em valor; *Região Sul* — 122,2 em peso e 234,7 em valor; *Região Centro-Oeste* — 87,2 em peso e 187,1 em valor. As médias correspondentes ao Brasil foram 135,9 em peso e 429,4 em valor.

A produção de pescado da *Região Norte* atingiu o seu máximo, em peso e valor, no ano de 1974, com 83.973 toneladas e Cr\$ 184.386.000. A participação relativa da Região na produção nacional de pescado, quanto ao peso, cresceu até 1969, quando atingiu 14,0%, decaindo a seguir, alcançando apenas 8,6% em 1973, reagindo em 1974, quando chegou a 10,3%; quanto ao valor, atingiu o máximo também em 1969, correspondendo a 8,7%, descendo até o mínimo de 6,2% em 1973 e praticamente se recuperando em 1974, quando alcançou 8,5%. A produção em peso cresceu até 1969, caiu muito em 1970, mostrando sinais de recuperação a partir de 1971, chegando ao máximo em 1974; em valor, apresentou acentuada tendência de crescimento. A produção de pescado da *Região Norte* mostra um ritmo de crescimento inferior ao registrado para o País, tanto em peso como em valor. Esta região necessita de uma melhor atenção dos poderes públicos, para acelerar o desenvolvimento de suas pescarias, tendo-se em vista as potencialidades dos recursos pesqueiros, muitos deles de elevado valor econômico.

Com respeito à *Região Nordeste*, a produção de pescado atingiu o máximo em 1974, tanto em peso como em valor, com 165.821 to-

TABELA V

Produção brasileira de pescado, por Regiões Geográficas, durante os anos de 1967 a 1974.

Regiões Geográficas	Anos							Médias	
	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973		1974
Produção em peso (t)									
Norte	51.833	68.332	70.252	53.778	58.020	55.168	60.150	83.973	62.688
Nordeste	118.407	117.672	129.747	133.095	139.597	139.046	148.878	165.821	136.533
Sudeste	89.402	110.676	163.584	154.321	190.184	207.596	222.672	282.383	177.602
Sul	167.689	201.480	135.601	182.811	201.895	201.783	266.128	281.542	204.866
Centro-Oeste	2.081	2.227	2.013	2.287	1.847	1.080	974	2.001	1.814
Brasil	429.412	500.387	501.197	526.292	591.543	604.673	298.802	815.720	583.503
Produção em valor (Cr\$ 1.000)									
Norte	18.242	26.046	36.590	39.248	57.868	77.903	109.286	184.386	68.696
Nordeste	61.805	77.204	130.652	159.370	363.872	487.284	687.499	698.704	333.299
Sudeste	55.508	83.055	178.382	196.512	262.410	354.625	649.221	877.833	332.193
Sul	75.918	114.887	73.628	100.560	168.504	198.148	300.825	393.109	178.197
Centro-Oeste	1.773	1.638	2.223	2.921	3.952	2.971	4.258	6.811	3.318
Brasil	213.246	302.830	421.475	498.611	856.606	1.120.931	1.751.089	2.160.843	915.703
Participação relativa em peso									
Norte	12,1	13,7	14,0	10,2	9,8	9,1	8,6	10,3	10,8
Nordeste	27,6	23,5	25,9	25,3	23,6	23,0	21,3	20,3	23,4
Sudeste	20,8	22,1	32,6	29,3	32,2	34,3	31,9	34,6	30,4
Sul	39,0	40,3	27,1	34,8	34,1	33,4	38,1	34,5	35,1
Centro-Oeste	0,5	0,4	0,4	0,4	0,3	0,2	0,1	0,3	0,3
Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Participação relativa em valor									
Norte	8,6	8,6	8,7	7,9	6,7	6,9	6,2	8,5	7,5
Nordeste	29,0	25,5	31,0	32,0	42,5	43,5	39,3	32,3	36,4
Sudeste	26,0	27,4	42,3	39,4	30,6	31,6	37,1	40,7	36,3
Sul	35,6	37,9	17,5	20,1	19,7	17,7	17,2	18,2	19,4
Centro-Oeste	0,8	0,6	0,5	0,6	0,5	0,3	0,2	0,3	0,4
Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

neladas e Cr\$ 698.704.000. A sua participação relativa na produção nacional de pescado, quanto ao peso, atingiu o máximo de 27,6%, em 1967, e o mínimo em 1974, com 20,3%; quanto ao valor, o máximo correspondeu a 43,5%, em 1972, e o mínimo a 25,5%, em 1968. A produção em peso vem, praticamente, crescendo desde 1969, e em valor se verifica uma elevada tendência de crescimento. A

produção de pescado da Região Nordeste mostra um ritmo de crescimento em peso inferior ao registrado para o País, o mesmo não acontecendo quanto ao valor. Nesta Região, o desenvolvimento pesqueiro está sendo feito com base na exploração de espécies nobres, destinadas ao mercado externo, necessitando que seja suprida de pescado mais barato, para consumo interno.

Tabela V — Continuação

	Índices de crescimento do peso									
	100,0	131,8	135,5	103,8	111,9	106,4	116,0	162,0	120,9	
Norte	100,0	131,8	135,5	103,8	111,9	106,4	116,0	162,0	120,9	
Nordeste	100,0	99,4	109,6	112,4	117,9	117,4	125,7	140,0	115,3	
Sudeste	100,0	123,8	183,0	172,6	212,7	232,2	249,1	315,9	198,7	
Sul	100,0	120,2	80,9	109,0	120,4	120,3	158,7	167,9	122,2	
Centro-Oeste	100,0	107,0	96,7	109,9	88,8	51,9	46,8	96,2	87,2	
Brasil	100,0	116,5	116,7	122,6	137,8	140,8	162,7	190,0	135,9	

	Índices de crescimento do valor									
	100,0	142,8	200,6	215,2	317,2 <th>427,1</th> <th>599,1</th> <th>1.010,8</th> <th>376,6</th>	427,1	599,1	1.010,8	376,6	
Norte	100,0	142,8	200,6	215,2	317,2	427,1	599,1	1.010,8	376,6	
Nordeste	100,0	124,9	211,4	257,9	588,7	788,4	1.112,4	1.130,5	539,3	
Sudeste	100,0	149,6	321,4	354,0	472,7	638,9	1.169,6	1.581,5	598,5	
Sul	100,0	151,3	97,0	132,5	223,0	261,0	396,2	517,8	234,7	
Centro-Sul	100,0	92,4	125,4	164,7	222,9	167,6	240,2	384,2	187,1	
Brasil	100,0	142,0	197,6	233,8	401,7	525,7	821,2	1.013,3	429,4	

Fontes: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e Superintendência do Desenvolvimento da Pesca — Ministério da Agricultura (Brasil).

No tocante à *Região Sudeste*, a produção de pescado alcançou o máximo em 1974, tanto em peso como em valor, correspondendo a 282.383 toneladas e Cr\$ 877.833.000. A Região participou, na produção nacional, com os máximos de 34,6% em peso, no ano de 1974, e 42,3% em valor, no ano de 1969; os mínimos ocorreram em 1967, com 20,8% do peso e 26,0% do valor. Tanto em peso como em va-

lor, observa-se uma acentuada tendência de crescimento da produção pesqueira, superando amplamente os correspondentes índices de crescimento nacional. O desenvolvimento das atividades de pesca na *Região Sudeste* apresenta um desempenho satisfatório, não trazendo maiores problemas para as autoridades ligadas a este setor de nossa economia.

A *Região Sul* atingiu o máximo de produção em peso e valor, no ano de 1974, com 281.542 toneladas e Cr\$ 393.109.000. Sua participação, na produção nacional de pesca, chegou ao máximo em 1968, com 40,3% do peso e 37,9% do valor, enquanto o mínimo em peso ocorreu no ano seguinte, com 27,1%, e em valor no ano de 1973, com apenas 17,2%. Os índices anuais do crescimento em peso mostram uma tendência ascendente a partir de 1973, depois de uma certa estagnação; desde 1970 verifica-se uma tendência de recuperação do crescimento em valor, após a queda observada em 1969; tanto em peso como em valor, os índices de crescimento regional não estão superando os correspondentes índices nacionais. Nesta Região o desenvolvimento das pescarias está seriamente comprometido, após alcançar uma regular expansão, em virtude do pequeno crescimento das quantidades capturadas, fato este decorrente da não operação da frota industrial em tradicionais áreas de pesca ao largo do Uruguai e Argentina, hoje reservadas aos seus nacionais; suas capturas são constituídas, predominantemente, por espécies de menor valor econômico.

O máximo da produção de pescado da *Região Centro-Oeste* ocorreu em 1970, com 2.287 toneladas; em valor isto se verificou em 1974, com Cr\$ 6.811.000. A participação da Região na produção nacional foi máxima em 1967, com 0,5% em peso e 0,8% em valor; os mínimos corresponderam ao ano de 1973, com 0,1% do peso e 0,2% do valor. Os índices anuais de crescimento em peso revelam uma certa tendência de estabilização das capturas, sem considerar as baixas produções de 1972 e 1973; em valor, tais índices foram crescentes a partir de 1969, com exceção de 1972; os índices de crescimento da produção, em peso e valor, se mostram muito inferiores aos correspondentes índices nacionais. Nesta Região a pesca não apresenta sinais de progresso nem crescimento visível, criminosamente abandonada. Embora não disponha de grande potencial pesqueiro, encontrado nas outras Regiões, pelo menos, poderia crescer com base na efetiva e racional exploração do pantanal de Mato Grosso.

Do exposto, podemos concluir pela primordial importância que deve merecer o desenvolvimento da pesca na *Região Norte*, em razão dos recursos a explorar em suas águas marinhas, estuarinas e interiores, na procura de substancial aumento da produção,

colocando-a em nível de equilíbrio com aquelas Regiões onde a exploração pesqueira vem apresentando desempenho satisfatório.

Por outro lado, não se deve perder de vista a potencialidade pesqueira do pantanal de Mato Grosso, onde é necessária a implantação de um efetivo programa de desenvolvimento da pesca, como prioridade em relação à *Região Centro-Oeste*.

Agradecimentos: Apresentamos nossos sinceros agradecimentos aos colegas Boris Feighelstein e Carlos Artur Sobreira Rocha, pela valiosa ajuda prestada na obtenção dos dados necessários à elaboração deste trabalho.

SUMMARY

English title: Commentaries on the behaviour of the fishery sector in Brazil.

This paper presents commentaries on the behaviour of the fishery sector in Brazil.

The expansion of the fishery activities after the World War II benefited a small number of nations. Until 1966 the Brazilian fisheries did not improve in a significant way, continuing as backward, low productivity and predominantly artisanal activities.

A vicious circle delayed the development of the fisheries in Brazil. It was broken by the Federal Law n.º 221, of February 28, 1967, and subsequent legislation for supporting the development of national fisheries.

Comparisons are made of the world fish production with that of Brazil from 1967 to 1974/1975; also the Brazilian production was compared to those of the six nations that present the largest production over the same period.

Brazil increased its fish production from 429,412 tons in 1967 to 815,720 tons in 1974; contributed with less than 1% of the world fish production until 1972, and was barely over this level in the two subsequent years; production is now on a rapid increase, which is larger than the increase for the world. The relative increase of the national fishery production is larger than those of the Soviet Union, Japan and China, whose fisheries have demonstrated very good performance.

For the period which is considered, Brazil imported more fish than it exported; it exported high priced fish and imported less expensive products. During 1974 and 1975

there was a superavit of export over import values of fish products.

Notwithstanding its increase, Brazilian fishery production is still not sufficient to fulfill the ever increasing national demand.

Considering the geographic regions of Brazil, the general conclusions on the behaviour of their fisheries are the following:

Northern Region — more government support for promoting the regional fisheries is advisable, because of the potentialities in fishery resources, some of them with high economic value. The annual means of fishery production, in relation to the national ones, were 10.8% for weight and 7.5% for value.

Northeastern Region — the fishery development is supported by the exploitation of high priced species for exportation, and the region needs to be supplied with cheap fish for local consumption. The annual means of fishery production, in relation to the national ones, were 23.4% for weight and 36.4% for value.

Southeastern Region — the fishery development in this region has a satisfactory behaviour, without big problems for the authorities that control this sector of our economy. The annual means of fishery production, in relation to the national ones, were 30.4% for weight and 36.3% for value.

Southern Region — the fishery development in this region suffers a serious constraint, after reaching a regular expansion, because now the industrial fleet cannot operate off the coasts of Uruguay and Argentina. The actual catches are predominantly composed by species of low economic value. The annual means of fishery production, in relation to the national ones, were 35.1% for weight and 19.4% for value.

West — Central Region — the fisheries in this region do not present any progress, even though an increase of catches is possible by the rational exploitation of the large and periodically flooded area situated in the State of Mato Grosso. The annual means of fishery production, in relation to the national ones, were 0.3% for weight and 0.4% for value.

The main priorities concerning the actual situation of the fishery sector in Brazil must be the increase of catches in the Northern Region due to the availability of good fishery resources in its marine, estuarine and interior waters; also the rational exploitation of the lowland part in the State of Mato Grosso.